

GUERRAS SAGRADAS: O CARÁTER RELIGIOSO DAS GUERRAS ASTECAS

Ítalo Costa Bahia

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo caracterizar a instituição da guerra e da religião asteca, tentando apresentar sua especificidade dentro do seu contexto cultural; estabelece também uma relação entre ambas bem como demonstrar como este vínculo entre guerra e religião contribuiu para a derrocada do grande império asteca.

Palavras-chave: Asteca, Guerra, Religião.

INTRODUÇÃO

Este artigo faz uma relação entre dois fatores amplamente trabalhados na historiografia: guerra e religião. A relação entre ambos também é bastante discutida no caso dos Astecas, povo que será objeto de estudo deste artigo. Contudo, o que busco neste trabalho é chamar a atenção para o fato da contribuição que esta relação entre guerra e religião na cultura Asteca proporcionou para a extinção do império dos Mexicas.

O que houve de dificuldade de fontes de informação refere-se ao acesso a fontes primárias, tendo em vista a escassez de edições referentes aos textos de cronistas espanhóis que relataram a conquista e de textos produzidos pelos próprios astecas. A organização e a estruturação do trabalho se deram da seguinte maneira: no primeiro tópico discorro sobre a guerra caracterizando sua função e finalidade; no segundo tópico a religião, dando ênfase às suas práticas de sacrifício humano; no terceiro estabeleço a relação entre as duas instituições e, por fim, demonstro como este vínculo concorreu para a derrubada do império Asteca.

A QUESTÃO DA GUERRA

A Guerra entre os astecas teve um papel fundamental para a expansão e manutenção do império erigido, em grande parte no território denominado hoje como México. Este

império que fôra sendo construído a partir de meados da primeira metade do século XV se estendeu, no tempo, até a chegada dos espanhóis em 1519, e territorialmente por todo o vale do México, submetendo diversos povos que habitavam este vale ao seu jugo. Basicamente, a guerra propiciava tanto a obtenção de prisioneiros de guerra para sacrificá-los em louvor aos seus deuses como angariar tributos forçados, cuja cessão era essencial para o fortalecimento do Estado Asteca.

Nesse sentido, considerando a importância bélica na vida Asteca, criou-se uma cultura entre seus membros que perpassava por toda a vida, desde o nascimento até a morte. A própria educação das crianças era em grande parte fundada na aprendizagem da arte da guerra. Esta cultura valorizava os guerreiros, dando-lhes a oportunidade de ascender socialmente, cujo paroxismo representava o ingresso nas ordens de Cavaleiros do Jaguar ou de Cavaleiros da Águia. Mesmo o soberano tinha de demonstrar valores guerreiros para legitimar sua posição à frente de seu povo através de campanhas militares vitoriosas, cujo desfecho deveria ser de inúmeros guerreiros adversários capturados para saciar a sede de sangue de seus deuses bem como a obtenção de tributos forçados junto ao povo subjugado.

Historicamente, os Astecas sempre se notabilizaram pelo domínio da arte da guerra perante seus vizinhos. No início de sua sedentarização na ilhas e lagunas do Vale de Juncos do México, eles tiveram de enfrentar o poderio dos Tepaneques que habitavam o planalto do México. O resultado deste conflito nos narra o historiador Otto Zierer:

O exército dos agressores destrói num ataque irresistível o país, que fôra os herdeiros dos Toltecas. Os vencedores regressaram para a laguna, com o alarido de buzinas e couraças de tartarugas, sacrificando a seus deuses sanguinários milhares de prisioneiros de guerra.¹

No entanto, os Astecas acabaram por promover um conflito interno por conta de qual cidade deveria prevalecer como centro hegemônico. Havia três cidades: Tlatelozco, Tezcuco e Tenochtitlan, sendo que esta última prevaleceu se tornando a principal cidade do futuro império Asteca. Partindo desse conflito, entre as supracitadas cidades, a vitoriosa Tenochtitlan expande seus êxitos militares sempre em busca de mais prisioneiros de guerra e impondo pesados tributos aos povos subjugados até se tornar o maior império que já se estabeleceu na região meso-americana.

Por conta desta inclinação bélica dos Astecas, os povos submissos eram obrigados a regularmente enviar produtos em forma de tributo e até mesmo em alguns casos em enviar homens a Tenochtitlan para serem imolados nos altares dos templos Astecas. Esta situação, porém, forjava um clima de tensão entre dominadores e dominados, tornando possível a eclosão de uma crise no império em função do surgimento de algum elemento novo que pudesse auxiliar estes povos dominados a fazer frente ao poderio militar Asteca. E este elemento surgiu com a chegada dos conquistadores espanhóis.

A QUESTÃO RELIGIOSA

A religião entre os Astecas assumia um caráter fundamental dentro de sua cultura e existência física e material. Ela permeava todos os segmentos da estrutura social, influenciando as maneiras de agir, pensar e sentir de forma inexorável do povo Asteca. Esta religião se caracterizava principalmente pela prática de imolações humanas de forma sistemática em função do culto aos deuses, com destaque para o Deus da guerra e protetor do povo Asteca denominado Huitzilopochtli. Esta prática sanguinária de sacrificar seres humanos respalda-se essencialmente na cosmogonia Asteca. Eles acreditavam que o sol tinha surgido através do sacrifício de uma divindade menor que se atirara em um braseiro e se transformara em sol. Contudo, para que o sol pudesse deslocar-se foi necessário que outros deuses se sacrificassem. Portanto, partindo deste mito cosmogônico, os Astecas se acharam obrigados, dando continuidade às imolações a que se tinham submetido os deuses, a sacrificar seres humanos, cujo sangue, contendo uma substância mágica denominada chalchivatl, determinava a manutenção existencial do sol e, por conseguinte, do universo. Caso estas práticas imoladoras cessassem, acreditavam os Astecas que o mundo se extinguiria.

Contudo, os sacrifícios humanos se davam de diferentes formas, atendendo a outras aspirações do povo Asteca. Para cada deus havia um tipo de sacrifício específico

Ao Deus das chuvas, Tlaloc, os Astecas sacrificavam crianças, mediante afogamento; a Huehueteor, Deus do fogo, lançavam infelizes num enorme braseiro, sendo as vítimas, curiosamente, anestesiadas com haxixe. Ao Deus Xixetob, esfolavam seres humanos cujas peles, imediatamente após o martírio, era vestida pelos sacerdotes.²

A principal divindade do panteão Asteca era Huitzilopochtli, Deus da guerra. O Seu culto, realizado no principal templo Asteca, sediado em Tenochtitlan, O Templo Maior, foi relatado vividamente pelo conquistador espanhol Bernal Diaz del Castillo; testemunha ocular desta prática de sacrifício, quando da imolação de alguns de seus colegas espanhóis.

Abriram-lhes o peito com uma faca de pedra e arrancaram seus corações palpitantes para oferecê-los aos ídolos. Em seguida, com o pé empurravam os corpos pela escada abaixo. Os carneiros, indígenas que esperavam embaixo cortaram-lhes os braços e os pés; arrancaram-lhes a pele de seus rostos, ainda com barba, para curti-las como couro e guardá-las para suas festas, nas quais se dedicavam à embriaguez e às orgias.³

É interessante notar como estas práticas religiosas dos Astecas são tomadas pelos estudiosos do tema. Dois autores dissertam da seguinte maneira: o primeiro, o escritor Acquaviva, aborda a religião Asteca de forma preconceituosa e etnocêntrica. Assim descreve o autor a respeito do culto em louvor de Huitzilopochtli:

A degeneração religiosa dos Astecas culminaria com a realização de um horrendo festival em louvor de Huitzilopochtli, levando a efeito em 1487, sob o reinado de Ahuizoti, fanático religioso e de crueldade impar, este soberano faria com que os Astecas se tornassem ainda mais temidos pelos povos vizinhos.⁴

Já o historiador Franck Waldo percebe e tenta explicar as práticas de sacrifícios humanos pelos astecas, levando em conta o contexto cultural e visão de mundos dos mesmos

Os Astecas visam a aspereza que a vida era e compreendiam sua santidade com o Todo.(...) Tudo isso era comum. Sacrifícios humanos e canibalismo religioso, muitas nações os conheciam do México ao Pampa.⁵

Portanto, através da exposição destas duas visões divergentes referentes às práticas religiosas dos Astecas, podemos perceber a importância que havia dos sacrifícios humanos dentro da cultura religiosa deste povo.

A INTERSEÇÃO GUERRA/RELIGIÃO

O vínculo entre guerra e religião entre os Astecas é absolutamente profundo. Esta ligação se dava na medida em que só era possível a manutenção dos sacrifícios humanos, imprescindíveis para o culto de seus deuses, com a ocorrência de guerras regulares que disponibilizassem prisioneiros para a realização das práticas imoladoras.

A ausência de guerras seria catastrófico para a religião Asteca por conta dessa necessidade de oferecer aos deuses sangue e corações em seu louvor. O que há de mais emblemático nesta relação é o fato de o principal e mais honrado Deus do panteão Asteca ser justamente o Deus da Guerra, a divindade Huitzilopochtli, espírito protetor do povo. Assim, como havia esta demanda permanente por potenciais vítimas para as imolações, os Astecas conflagravam regularmente, seguindo um ritual estrito, guerras contra os Tlaxcaltecas, povo das montanhas, a leste do vale Anáhuac, conhecidas como “guerras floridas”.

Estas guerras não visavam o extermínio em combate, mas sim a obtenção de prisioneiros aptos a serem sacrificados em prol dos deuses, sedentos por sangue. Aliás, a própria expansão do Império Asteca, fruto desta vocação bélica de seu povo, vinculava-se diretamente com a ampliação do número de pessoas sacrificadas nos altares dos templos, posto que, além de exigir pesados tributos e de aprisionar guerreiros dos povos subjugados, eles exigiam também a cessão de vítimas para as práticas imoladoras sagradas.

Embora a religião Asteca tivesse esse caráter sanguinário, havia também entre eles uma sensibilidade bastante dócil expressada na projeção da existência após a morte. Mas mesmo neste mundo místico, o aspecto bélico se apresenta. Isto se dá com os privilégios que os guerreiros adquiriam após morrer heroicamente em combate

Depois de quatro anos como “companheiras do sol” as almas dos combatentes voltariam à terra transformadas em magníficas aves – colibris, papa-figos, e pintassilgos amarelos – e também em coloridas borboletas. Então sorveriam o mel de todas as espécies de flor.⁶

Outro aspecto cultural Asteca que nós dá elementos para se estabelecer este vínculo entre o caráter bélico e o religioso de sua cultura expressa-se a seguir:

Esta noite, o sol precisava lutar novamente contra a lua e as estrelas e, se Huitzilopochtli perdesse o combate, a vida se extinguiria em um sudário de trevas. Era

necessário renovar constantemente as forças do Deus e, aos olhos dos Astecas, o elemento nutritivo mais profundo era o sangue humano, qualificado como “água muito preciosa”. Não se esgotava a necessidade de novas vítimas para o sacrifício.⁷

Nesse sentido, a necessidade de se sacrificar seres humanos para satisfazer a sede de sangue dos deuses só seria possível com a ocorrência de guerras regulares, cujo intuito devia ser a de capturar guerreiros adversários ou subjugar o povo oponente para obrigá-los a ceder pessoas para imolá-las em função de seus deuses. Este costume correlacionava-se com a expansão do Império Asteca que impunha aos povos dominados sua autoridade. No entanto, este domínio não era absoluto nem isento de tensões, isto é, estes povos não se sujeitavam de maneira passiva aos Astecas. Contudo, o formidável poderio militar asteca não permitia aos dominados uma reação efetiva.

O ASPECTO DELETÉRIO DA RELAÇÃO GUERRA/RELIGIÃO ENTRE OS ASTECAS

Todorov em livro “A conquista da América,” afirma que em grande parte, o sucesso da conquista espanhola sobre os Astecas por Hernan Cortes se deveu a capacidade de compreensão que Cortes tinha dos signos da cultura asteca, utilizando-os em seu benefício. Diferentemente de Montezuma, que nas palavras de Todorov:

Sabia colher informações sobre seus inimigos quando ele se chamava Tlaxcaltecas, Arascos, Huastecas. Mas o intercambio de informação era então perfeitamente estabelecido. A identidade dos espanhóis é tão diferente, o comportamento deles a tal ponto imprevisível que abalam todo o sistema de comunicação, e os Astecas não conseguem mais fazer justamente que era a especialidade deles: a colheita de informações.⁸

Um aspecto essencial da utilização da compreensão da prática cultural asteca por Cortes como instrumento de luta foi a identificação entre ele, Cortes, e o Deus Quetzalcoatl endossada pelo próprio Cortes. Este Deus, cujo retorno era previsto por lendas, vinha para retomar o império que era seu. Cortes, tomando conhecimento desta lenda e da crenças de Montezuma nela, a utiliza para ajudá-lo a conquistar os Astecas, corroborando com a suposição dos nativos de que ele seria Quetzalcoatl. Em suma,

segundo Todorov, Cortes, através da compreensão dos signos da cultura asteca, conseguiu acelerar o processo de conquista do México.

Todavia, há um outro elemento que concorreu para a derrocada do Império Asteca pouco trabalhado: a influência deletéria da relação guerra/religião entre os Astecas frente aos povos dominados. Como já dito, com a expansão do Império Asteca as tensões por conta da exigência cada vez maior, de vítimas para os autores sacrificiais eram latentes. Dentre estes povos indígenas destacavam-se os Tlaxcaltecas. Estes eram intimados pelos Astecas a lutar nas chamadas “guerra floridas”, cujo intuito era aprisionar o maior número possível de guerreiros, para imolá-los, principalmente em louvor ao Deus da guerra, Huitzilopochtli.

Estas guerras eram travadas regularmente. No entanto, a hostilidade presente entre os Tlaxcaltecas em relação aos Astecas não se deve pela prática em si dos sacrifícios, pois eles também realizavam imolações, mas sim pela dimensão que este ritual tomou na civilização Asteca. Para se ter uma idéia, os astecas, celebrando uma vitória de seu exército em uma batalha ofereceu aos deuses cerca de 12.300 pessoas.

Gomara, em seu livro sobre *História General de las índias*, fala sobre esta inimizade entre Tlaxcaltecas e Astecas:

Al preguntar cual era la causa de aquellas guerras y ruin vecindad que Moctezuma les hacia, dijero que enemistades viejas y amor a la libertad y exención. Más, segun los embajadores afirmabam, y a lo que después Moctezuma dijo, y outros muchos em México, no era asi, sino por otras razones muy diversas se ya no décimos que cada uno alegaba su derecho, justificando su partido; y eran las razones, porque los mancebos mejicanos y de Culúa ejerciásen jus personas em la guerra allí cerca, sim ir y también por tener allí siempre gente que sacrificar a sus dioses, tomada em guerra; y así, para hacer fiesta y sacrificio enviaba a Tlaxcallan el ejercito a cautivar cuantos hombres necesitabam porá aquel ano; que averiguado está que se Moctezuma quisiera, em um dia los sujetara y matara a todos, haciendo la guerra de Veras.⁹

Assim, Gomara nos traz elementos que contribuem para constatar a contribuição dada pelo traço cultural Asteca de guerrear para sacrificar em nome de Huitzilopochtli. Contudo, a reação dos astecas frente a esta aliança se deu de forma

bastante confusa. A princípio eles tiveram uma postura hesitante por conta da possibilidade de que Cortês fosse o Deus Quertzalcoatl, cujo retorno, segundo a crença asteca, era previsto, e teria como finalidade retomar o império que lhe era devido. O próprio Cortês quando tomou conhecimento desta crença e da suposição asteca de que ele poderia ser o Deus Quertzalcoatl, utilizou-a em seu proveito ratificando esta suposição. Por conta disso, os espanhóis foram recebidos por Montezuma e seu povo de maneira relativamente amistosa em Tenochtitlan. Todavia, mesmo com a possibilidade de Cortês e Quertzalcoatl serem o mesmo ente, os astecas, não suportando o tratamento hediondo que lhes era dedicado pelos espanhóis, acabaram por se rebelar contra os conquistadores. Neste momento se apresenta um aspecto importante que vincula o caráter deletério da relação entre a guerra e as práticas imoladoras e a derrota dos astecas frente aos espanhóis: Na guerra, os astecas tinham como ética militar não liquidar o adversário em combate, mas sim de capturá-lo para sacrificá-lo nos altares de seus templos. Este procedimento asteca restringia significativamente as chances de êxito em um embate contra os espanhóis cujos quais se utilizando de armas mais eficazes e sendo beneficiados pela debilidade de um número significativo de guerreiros astecas afetados pela epidemia de varíola que os próprios espanhóis, involuntariamente inseriram no Novo Mundo, acabaram por submeter os índios ao seu controle. Esta ética militar que conjuntamente com outros aspectos que em maior ou menor grau foram trabalhados neste trabalho, concorreu para a derrocada do grande império asteca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história do povo Asteca foi marcada indelévelmente por guerras em função de crenças em uma série de deuses, tendo como principal o Deus da guerra Huitzilopochtli, sedentos por imolações humanas. Este aspecto bélico dos Astecas possibilitou a criação de um império nunca antes visto na Meso-América. No entanto, a demanda intensa e permanente de pessoas para serem sacrificadas nos altares dos templos em louvor aos deuses, recebendo em troca proteção e fartura, contribuiu decisivamente para a derrocada deste mesmo império.

NOTAS

¹ ZIERER, Otto. *História da América: O Deus do ouro. História da América desde os primórdios até 1600 d.C.* Petrópolis: Ed. Vozes, 1964.

² ACQUAVIVA, Marcos Cláudio. *Lendas e tradições das Américas.* São Paulo: Hermos, 1986.

³ A inextinguível sede das divindades. In: *Civilizações Perdidas.* Rio de Janeiro: Abril, 1998.

⁴ ACQUAVIVA, Marcos Cláudio. Op. Cit.

⁵ FRANCK, Waldo. *América hispânica.* Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1946.

⁶ *Civilizações Perdidas.* Op. Cit.

⁷ Ibid.

⁸ TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do ouro.* São Paulo: Martins Fontes, 1999

⁹ GOMARA, Francisco Lopez de. *História General de las índias.* Barcelona: Obras Maestras, 1954.